



SOBRE A PLURALIDADE RELIGIOSA NA OBRA "GRANDE SERTÃO: VEREDAS", DE GUIMARÃES ROSA: UMA LEITURA DOS CONCEITOS DE POLIDOXIA E TRANSRELIGIOSIDADE

ABOUT THE RELIGIOUS PLURALITY IN GRANDE SERTÃO: VEREDAS BY GUIMARÃES ROSA: A READING OF THE CONCEPTS OF POLIDOXIA AND TRANSRELIGIOUSNESS

*Bruna Milheiro Silva**

RESUMO

O presente artigo propõe-se debater os conceitos de Polidoxia e Transreligiosidade como parte dos recentes estudos das Ciências da Religião na linha do pluralismo religioso. Pautando a análise em espaços culturais fronteiriços e nas trocas do cotidiano, defende-se que a obra de Rosa e a noção de pluralismo religioso podem auxiliar na complementaridade das abordagens religiosa e literária para o entendimento da realidade social brasileira, enfatizando, porém, os aspectos religiosos da obra. Especialmente neste artigo, se pretende realizar a leitura dessas bases conceituais tendo como objeto a religiosidade e suas variadas manifestações na obra Grande Sertão: Veredas do autor João Guimarães Rosa. No microcosmo do Sertão de Riobaldo, as experiências religiosas se diversificam, polarizando-se ou reaproximando-se nos entre-lugares da cultura local, dando espaço a uma forma de pluralismo religioso que emerge do ser, da fala e do agir do personagem principal paralelamente à religião oficial. Nesse romance é possível reconhecer os espaços fronteiriços na cultura sertaneja, emergindo deles uma relação polidoxa e transreligiosa com o sagrado.

Palavras-chave: Pluralismo religioso; Transreligiosidade; Polidoxia; Cultura sertaneja.

ABSTRACT

*Doutora em Ciências da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF.



This article aims to discuss the concepts of Polidox and Trans-religiousness as part of current studies in the Religious field, especially related to religious pluralism. The analysis starts considering cultural spaces and daily exchanges regarding decolonial movement in cultural studies. It is argued that Rosa's book and the notion of religious pluralism can work complementary on religious and literary approaches to the understanding of Brazilian social reality, emphasizing, however, the religious aspects on it. It proposes to apply these conceptual bases to the interpretation of the religious aspects described in the book *Grande Sertão: Veredas* by João Guimarães Rosa. In Riobaldo's rural microcosm it is possible to observe various religious experiences, polarizing and reconnecting themselves in the mix form by the local culture. From these experiences emerge a new form of religious pluralism that can be seen in the way the main character is, in his speech and actions confronting the official religion. In this novel it is possible to recognize the cultural borders in the local traditions generating a polidox and transreligious relationship with the supernatural.

Keywords: Religious pluralism; Transreligiousness; Polidox; Rural culture.

1 INTRODUÇÃO

Em recente artigo sobre a temática do pluralismo religioso, Claudio Ribeiro e Angelica Tostes afirmam que: “o debate sobre pluralismo tem várias facetas e uma delas se assenta na relação entre religião e cultura.” (RIBEIRO & TOSTES, 2020, p. 2). Essa afirmação pode ser analisada, por exemplo, na obra *Grande Sertão: Veredas*, do autor brasileiro João Guimarães Rosa. Partindo da conceituação de Paul Tillich sobre a relação entre teologia e cultura, defende-se que a religião é um aspecto do espírito humano, que conjuga o sobrenatural e a materialidade como aspectos basilares da análise cultural do mundo. Para ele, a teologia enquanto ciência deve partir do contexto histórico e cultural dos sujeitos: “A distância entre a fé e a cultura, através da teologia, deve ser estreitada para que o ser humano possa resistir à tentação de que apenas o que é físico e material é o padrão maior da civilização.” (TILLICH, 2009, p. 19).

Na tentativa de contextualizar a religião como aspecto imanente na cultura, Tillich apresenta uma significativa contribuição para a análise do sagrado no escrito rosiano, pois o romance representa qualidades de pluralidade que caracterizam o universo simbólico da religião no Brasil, especialmente considerando os espaços não oficiais. No caso específico da narrativa citada, a realidade de vida nos sertões longínquos, considerados tradicionalmente como o “local do atraso”, se insere numa lógica própria

de vida nos espaços fronteirços e cotidianos dos personagens¹. Inscrevendo a presente análise no bojo dos estudos culturais e decoloniais, defende-se a realidade social sertaneja como um espaço multifacetado:

A tarefa decolonial consiste em construir a vida a partir de outras categorias de pensamento que possuem características próprias e estão para além dos pensamentos ocidentais dominadores e hegemônicos. Trata-se de uma postura, método e atitudes permanentes de transgressão e de intervenção social no campo político e cultural, protagonizadas pelas pessoas e grupos cujas culturas são historicamente subalternizadas e invisibilizadas. Na vivência destes grupos e pode identificar, visibilizar e incentivar lugares de exterioridade e de construções críticas alternativas e plurais (RIBEIRO, 2020, p. 26 e 27)

Conforme apresentado na citação acima, o sertão na obra de Rosa, incorpora uma cosmologia própria, um universo que possui suas simbologias específicas e onde a religião está diluída nos meandros de uma vivência cultural própria. Na linha dos estudos da pluralidade do religioso “o que tem sido levado em conta é a complexidade da realidade, não somente religiosa, mas também sociocultural” (RIBEIRO & TOSTES, 2020, p. 2). De acordo com Fernandes, a posição adotada por Riobaldo como protagonista narrador, induz o leitor a crer que ele não se prende aos posicionamentos dogmatizantes das tradições religiosas, uma vez que ele direciona sua crença para além do cristianismo enquanto instituição, mas não para fora do espírito da religião” (FERNANDES, 2013, p. 157).

Nesse universo singular que evoca constantemente as ideias de Bem (Deus) e Mal (Diabo), existem várias nuances entre a interpretação ortodoxa desses termos e aquela realizada pelo personagem principal. Para ele, como representante narrador daquela realidade, esses conceitos não representam realidades dicotômicas e nem contraditórias, mas plurais, fluídas e interdependentes, pois elas existem de forma polissêmica na sua realidade de vida. Nesse sentido, optou-se por empregar o conceito de ploidoxia para realização da leitura interpretativa do livro, uma vez que

¹ Apesar de não ter sido objeto direto da presente análise, cabe destacar o estudo minucioso do crítico literário Silviano Santiago, que dedicou ao livro Grande Sertão: Veredas um estudo minucioso na obra “Genealogia da Ferocidade”, do ano de 2017. Ele encara a obra de Rosa como um “diamante bruto” da literatura brasileira, por não se enquadrar nos padrões típicos de sua época, porém destaca o potencial criativo do autor.

esse neologismo procura incluir a pluralidade de opiniões, articulações, pensamentos e visões sobre o sagrado (RIBEIRO & TOSTES, 2020, p.8).

Seguindo essa mesma linha de interpretação, no verbete publicado em recente coletânea com outros pesquisadores, Gilbraz Aragão defende que as tradições religiosas e filosóficas oferecem caminhos para que a experiência espiritual aconteça, considerando as possibilidades e limites de cada cultura. Nesse sentido, ele cunhou o conceito de transreligiosidade, que se mostra como um caminho hermenêutico das diversas vivências espirituais da humanidade” (ARAGÃO, p. 292, 2020). Na transreligiosidade o conceito de entre-lugar é fundamental e relaciona-se com a maneira como os grupos subalternos se posicionam frente ao mundo e aos seus aspectos dogmatizantes, através principalmente da realização de estratégias de empoderamento (RIBEIRO, p. 221, 2020).

Sendo assim, defende-se que no romance rosiano, não há uma demarcação clara da ideia de religião cristã no sentido formal do termo, até porque aspectos de outras religiões perpassam a narração. Por isso, propõe-se interpretar a narrativa a partir da ideia de uma experiência transreligiosa, já que o personagem Riobaldo movimenta-se nos espaços fronteiros da experiência do sagrado. Dessa forma também, conforme explicam Suzana Vasconcelos de Melo e Sebastian Thies, o livro Grande Sertão: Veredas assume uma peculiaridade narrativa: “Num sentido abrangente, portanto, a obra de Rosa pode ser considerada precursora de uma forma de pensar subjetividade e alteridade que só iria se manifestar na filosofia pós-moderna e nos estudos pós-coloniais” (MELO & THIES, 2020, p.25). Dessa forma, defende-se que a narrativa rosiana é um microcosmo promissor para a realização de uma leitura pluralista da realidade religiosa na cultura dos sertões brasileiros.

2 O MÉTODO DA CORRELAÇÃO E O PRINCÍPIO PLURALISTA NA OBRA ROSIANA

Uma das contribuições dos estudos culturais está na proposta de ressignificação de conceitos cristalizados das ciências, entre eles encontra-se a própria noção de religião. Tradicionalmente ela delinea as experiências realizadas a partir de uma visão

institucionalizada e compartimentada do conhecimento, não levando em conta a dimensão holística da vida em sociedade, nas formas do ser e do agir. Essa visão é parte de uma herança científica “ocidentalizada”, geralmente associada às manifestações cristãs hegemônicas. Nesse sentido, a aplicação do método da correlação idealizado por Tillich pode oferecer um caminho de análise metodológica para a leitura da obra em questão, pois:

Com o princípio da correlação a reflexão teológica desenvolve-se entre dois pólos: a verdade da mensagem cristã e a interpretação dessa verdade, que deve levar em conta a situação em que se encontra o destinatário da mensagem. E situação não diz respeito ao estado psicológico ou sociológico do destinatário, mas as formas científicas e artísticas, econômicas, políticas e éticas, nas quais [os indivíduos e grupos] exprimem as suas interpretações da existência (TILLICH, 2009, p. 24).

Dessa forma, defende-se que, na contramão das análises engessadas da experiência religiosa, Riobaldo em suas reflexões ontológicas, realiza uma análise do espírito humano no sentido de transcender as visões compartimentadas. “Ao participar de várias práticas religiosas, ele procura a lucidez em vez de confinamento ao dogmatismo de uma doutrina inviabilizando a eficácia das demais” (FERNANDES, 2013, p. 147) Sendo assim, recuperando a proposta de Claudio Ribeiro e Angelica Tostes, pode-se dizer que as expressões religiosas na obra Grande Sertão: veredas devem ser encaradas como polissêmicas e, portanto, elas trazem à cena desafios à compreensão da relação entre religião e cultura (RIBEIRO & TOSTES, 2020, p. 2). Essa crítica ao conceito pré-estabelecido de religião busca integrar os espaços cotidianos e tradicionalmente coadjuvantes ao rol das expressões religiosas de primeiro plano, ampliando as possibilidades de experiências com o sagrado e favorecendo o diálogo inter-religioso por entre e para além das religiões (RIBEIRO, 2020, p.28 e 29).

Como parte integrante dessa abordagem, o Princípio Pluralista reconhece a religião através de contextos transversais e suas especificidades, fato que requer uma abordagem que não reproduza mecanicamente aspectos teóricos pré-existentes, mas que seja capaz de correlacionar a experiência transcendental e a realidade dos sujeitos (RIBEIRO, p. 221, 2020). Em sua dimensão antropológica, o princípio pluralista incorpora a compreensão de novas identidades associadas à dimensão

mística e às formas de vida marcadas pela ideia da alteridade e pelo protagonismo de grupos classicamente subalternizados. Nesse grupo estariam então incluídos, os trabalhadores rurais, mulheres, afrodescendentes e jovens”, por exemplo (RIBEIRO, 2020, p. 37). E ainda, por extensão, também os sertanejos e jagunços, conforme retratados no livro em análise.

O princípio pluralista, em função de seu caráter relativizador, portanto, crítico ao pensamento único, contribui para os processos de recuperação do sentido da liberdade e da gratuidade, que leva à indicação da presença – e, ao mesmo tempo, a necessidade – de espiritualidades que possam corresponder aos processos sociopolíticos decoloniais de aprofundamento democrático, de consolidação de direitos, de crítica às mais variadas formas de dominação, e à busca de alternativas à lógica imperial econômica. Tais visões de espiritualidade se expressam em aspectos práticos e concretos da vida social e política, como os processos de defesa da justiça social e econômica, dos direitos humanos e da terra, da cidadania e da dignidade dos pobres. Elas reforçam, não obstante suas limitações e ambiguidades, espaços de consciência social, coexistencialidade, alteridade, humanização, multiplicidade, cordialidade e integração cósmica (RIBEIRO, 2020, p. 26).

Dessa forma, o presente artigo defende que o romance *Grande Sertão: Veredas* apresenta-se como um espaço privilegiado para a leitura do Princípio Pluralista por suas qualidades de inserção na lógica da perspectiva decolonial e na correlação entre a mensagem religiosa cristã e as características incorporadas pelo personagem narrador, representando o modo de vida sertanejo que por muito tempo foi desclassificado pela cultura literária hegemônica.

Para Vasconcelos e Thies, a obra de Rosa apresenta semelhanças em relação às místicas periféricas da “nova narrativa ibero-americana”. Eles sugerem a adoção de um “olhar invertido” rompendo com a perspectiva de que a literatura latino-americana deve ser estudada a partir das ressonâncias da formação teórica eurocêntrica. A narrativa do sertão rosiano desconstrói o olhar conservador da história da literatura que assim como o “pampa” na obra de Jorge Luis Borges, a “Comala” em *Pedro Páramo* de Juan Rulfo, a “Macondo” em *Cem anos de solidão*, de García Márquez, ou o “Peru amazônico” em *A casa verde*, de Mario Vargas Llosa, abre-se para as inovações da teoria literária pós-moderna. A originalidade dessas narrativas permite que elas extrapolem o universo literário conservador e passem a incorporar as

condições para uma interpretação transdisciplinar da subjetividade humana e da relação entre cultura literária e outros campo do saber (MELO & THIES, 2020, p. 16).

A hipótese levantada pelos autores é a de que, no romance, a binaridade semântica estrutural na qual está baseado o logos ocidental da modernidade brasileira se dissolve. Dessa forma, os elementos aparentemente dicotômicos presentes na narrativa, como as ideias de sujeito e objeto, razão e negação, Deus e o diabo, indivíduo e coletivo, humano e animal perdem suas delimitações claras se tornando entidades híbridas, flutuantes, produtos de uma performance linguística do personagem que narra o livro. Assim, a produção de significados na narrativa rosiana emana das fissuras, dos enredos e entremeios do discurso e transcende os limites do dizível e do imaginável (MELO & THIES, 2020, p.29). Portanto, o livro oferece subsídios para uma abordagem transdisciplinar do sagrado, partindo da narrativa literária que descreve a realidade social nos espaços reclusos e longínquos do sertão e facultando assim uma interpretação para os estudos do pluralismo religioso.

A transdisciplinaridade enquanto método de interpretação científica ultrapassa as fronteiras entre as disciplinas, construindo um novo conhecimento, movendo-se, segundo Aragão, através delas, assim como a ideia da transreligiosidade. Esses conhecimentos integrados resgatam a relação de interdependência entre as ciências, permitindo que elas dialoguem. Segundo ele: “Por aí passa a experiência do divino, por entre e para além das religiões. Além de favorecer o diálogo inter-religioso, o jeito transdisciplinar de pesquisar a realidade lança uma nova luz sobre o sentido do sagrado” (ARAGÃO, 2020, p. 291 e 292).

Assim sendo, para a realização dessa empreitada de análise transdisciplinar da religiosidade no livro, optou-se pela utilização dos conceitos de Polidoxia e Transreligiosidade por configurarem-se como conceitos-chave para uma análise teórica da obra em questão, uma vez que permitem analisar a mensagem cristã e a apropriação que o personagem narrador faz dela.

3 POR UMA CONCEITUAÇÃO DOS ESPAÇOS DE FRONTEIRA EM GRANDE SERTÃO

Para compreender a opção pela narrativa de Guimarães Rosa e melhor delinear as facetas para uma análise atenta da mesma, pretende-se destrinchar os dois conceitos principais a serem considerados. O primeiro deles é o conceito de polidoxia. Para melhor entendê-lo, sugere-se inicialmente discutir a noção de polissemia, oriunda do campo da interpretação linguística. A abordagem polissêmica designa que uma determinada palavra ou expressão possa vir a adquirir um novo sentido para além de seu sentido original, mas guardando com ele uma relação semiótica (MEIRA, 2012, p. 03).

Como uma extensão dessa ideia mais presente nas análises literárias, optou-se por utilizar o conceito de polidoxia. Ele define-se como uma opção de resistência à univocidade narrativa e doutrinal, reforçando a construção teológica através de uma visão transdisciplinar em oposição a uma tradição unilateral da interpretação religiosa. Ele proporciona a construção de imaginários dialógicos e de diálogos inter-religiosos ultrapassando a abordagem ortodoxa do cristianismo (RIBEIRO & TOSTES, 2020, p.11).

Conforme explicam Claudio Ribeiro e Angelica Tostes, um dos principais aspectos da polidoxia é a ideia da multiplicidade como recurso teológico diferindo-se do conceito de pluralidade pela ideia de “entrelaçar-se nos múltiplos”. Dessa forma, ela se confronta com as doutrinas que pretendem deter o monopólio de Deus e da Verdade e abre-se para o mistério do não-saber. A polidoxia, entretanto, não deve ser encarada como uma simples oposição à ortodoxia, uma vez que uma só pode ser compreendida na sua relação com a outra (RIBEIRO & TOSTES, 2020, p.9).

Ao pensar as teologias a partir da polidoxia, realiza-se um deslocamento da lógica do império/centro e de sua obsessão da “lógica do Uno” vindo das religiões monoteístas. Nesse sentido, é imprescindível pontuar que a polidoxia é a afirmação de que nenhuma religião, credo, doutrina e fé pode exaurir quem é Deus nem aclamar por uma única visão, doutrina ou interpretação da experiência religiosa. A polidoxia é, então, uma potência de continuação criativa do cristianismo, como uma resistência a univocidade da narrativa, da doutrina, do credo e da tradição. Ela reforça a abertura dos processos da construção teológica as margens, que são descredibilizados por aqueles que defendem a tradição cristã como uma unidade plena e autossuficiente (RIBEIRO & TOSTES, 2020, p.8).

Sendo assim, o conceito de polidoxia pretende compreender a noção do Sagrado nas suas múltiplas facetas, não hierarquizando nenhuma forma de experiência, mas garantindo aos variados grupos suas formas de crer e interpretar o mundo. Essa análise corresponde bem aos propósitos na narrativa rosiana, já que o personagem principal que conta a história se conecta de formas variadas aos elementos religiosos, abrindo margem para uma multiplicidade de análises no campo do pluralismo religioso. As ideias de bem e mal são um exemplo dessa variedade de interpretações do universo do sagrado, e segundo Davi Arrigucci Jr., um dos debates centrais está nas formas de manifestação desse mal nas coisas do mundo representado pelo demônio. O narrador Riobaldo apresenta a bondade e a ruindade como aspectos interdependentes que se entrelaçam inexoravelmente na sua experiência de vida, mas que pairam em diferentes níveis de compreensão.

Como complemento e ampliação dessa proposta de leitura, o conceito de transreligiosidade busca explicar também a experiência religiosa do personagem em sua dinâmica cotidiana e plural. Segundo explica Aragão, princípios religiosos diferentes analisados num mesmo nível de realidade seriam muito possivelmente antagônicos e excludentes, mas ao considerarmos a existência de outros níveis, surgiria um 'Terceiro', que incluído agregaria condições de conciliação entre os mesmos (ARAGÃO, 2020, p. 290).

A espiritualidade transreligiosa não se refere a uma religião genérica e superficial, que pudesse pairar no ar dos valores, sem inserção comunitária e sem assumir nenhuma vestimenta cultural. Trata-se de ter um rosto e corpo cultural concreto, mas desenvolvendo místicas que vão além da própria referência teológica de crenças e ritos, rumo a uma dimensão maior e aberta, de experiência espiritual comum entre e além das religiões, incluindo as vivências pós e não-religiosas. A situação de pluralidade provoca debates e confrontos inter-religiosos, buscas de orações e engajamentos comuns, que acabam despertando místicas transreligiosas (ARAGÃO, p. 289 e 290, 2020).

Partindo dessa interpretação, pode-se afirmar que a abordagem transreligiosa é capaz de traduzir uma tradição espiritual para as demais, decodificando simultaneamente o significado que as une e que igualmente as ultrapassa. Sendo assim, defende-se que a transreligiosidade enquanto forma de análise da dinâmica cultural e espiritual que perfaz os sujeitos em uma narrativa, desenvolve-se a partir da transdisciplinaridade. Conforme referido anteriormente, configura-se como uma alternativa metodológica

que considera a compreensão dos diferentes níveis de realidade e caracteriza-pela lógica do Terceiro Incluído” (ARAGÃO, p. 290, 2020). Ou seja, a lógica transreligiosa é necessariamente relacional.

Corroborando essa proposta de relacionalidade, Melo e Thies defendem que o livro em análise oferece uma forma bastante especial de comunicar, através de uma interação com o outro.

Pode-se perceber que a obra de Rosa evoca uma compreensão análoga da comunicação, cujo fim último é produzir comunhão, participação no mundo do outro, gestada a partir do ritual instituído pela palavra, no exercício de uma função quase religiosa. Uma abordagem desta perspectiva revela como a centralidade ocupada na obra rosiana pelo encontro, pela troca, pela observação mútua e pela luta pela atribuição do significado são responsáveis pelo surgimento daqueles entre-espacos dos quais trataremos neste volume (MELO & THIES, 2020, p.19).

Desta maneira, conforme explica Ribeiro: “Assim, a plausibilidade de um dado sistema (religioso ou cultural) se evidenciaria no convívio com o ‘outro’ e não na confrontação apologética tentando desqualificá-lo” (RIBEIRO, p. 223, 2020). No livro de Guimarães Rosa percebe-se que, em diferentes momentos da narrativa, agregam-se elementos de diferentes narrativas religiosas, observando-se assim uma presença transreligiosa cotidiana na vida do personagem narrador, pois são “[...] inúmeras indicações aos temas ligados à religiosidade do sertão, com influências do catolicismo e de religiosidades diversas. São mais de trezentas citações explícitas de temas e contextos religiosos” (FERNANDES, 2013, p. 2 e 3). Dessa forma, partindo dessas colocações preliminares, torna-se possível no próximo tópico uma maior aproximação dos conceitos com aspectos da obra em análise.

4 AS LEITURAS DO SAGRADO NA CULTURA SERTANEJA DE RIOBALDO

Para interpretar as vivências religiosas presentes na narrativa de Riobaldo em Grande Sertão: Veredas, remete-se primeiramente a uma ideia de Paul Tillich em seu livro Teologia da Cultura:

Quando dizemos que a religião é um dos aspectos do espírito humano, queremos dizer que quando olhamos o espírito humano a partir de certo ponto de vista, ele se apresenta a nós religioso. Que ponto de

vista é esse? É o que parte das profundezas de nossa vida espiritual. A religião não é mera função especial de nossa vida, mas a dimensão da profundidade presente em todas as funções (TILLICH, 2009, p.42).

Dessa forma, a partir da leitura de Tillich, defende-se que o religião entendida em sua linguagem polidoxa, se manifesta na vivência transreligiosa do personagem narrador e conseqüentemente na cultura sertaneja como elementos indissociáveis.

Ainda tomando nota de outras categorias de Tillich, a obra rosiana retrata a religiosidade presente no sertão bem como os conflitos existenciais na relação do *eu* com o *outro*, pois eles representam uma interrogação constante na vida de Riobaldo e nas contradições humanas experienciadas por ele. Ao longo da narrativa, nota-se que, através do olhar do jagunço, são colocados questionamentos ontológicos em sua relação com a existência ou não de Deus, seguidos pelo confronto entre as ideias de bem e mal e certo e errado. O personagem também apresenta dúvidas sobre a piedade divina e a possibilidade da salvação de sua alma, considerando seu passado de práticas criminosas. “O jagunço Riobaldo. Fui eu? Fui e não fui. Não fui! – porque não sou, não quero ser. Deus esteja!” (ROSA, 1994, p.301). Dessa forma, conforme afirma Meira: “Riobaldo é um ser escatológico; ele se preocupa com a salvação da sua alma e com o destino de sua vida.”² (MEIRA, 2012, p. 07).

Ele interpreta o bem e do mal em sua experiência na fronteira entre a espiritualidade e a materialidade da existência, alternando entre diferentes possíveis definições de Deus e do Demônio. No trecho abaixo ele define o diabo a partir de diferentes nomenclaturas associadas ao seu universo de sentido e de linguagem, representando a maneira como ele sujeito reconhece suas categorias de mundo:

E as idéias instruídas do senhor me fornecem paz. Principalmente a confirmação, que me deu, de que o Tal não existe; pois é não? O Arrenegado, o Cão, o Cramulhão, o Indivíduo, o Galhardo, o Pé-de-Pato, o Sujo, o Homem, Tisnado, o Coxo, o Temba, o Azarape, o Coisa-Ruim, o Mafarro, o Pé-Preto, o Canho, o Duba-Dubá, o Rapaz, o Tristonho, o Não-sei-que-diga, O-que-nunca-se-ri, o Sem-Gracejos... Pois, não existe! E, se não existe, como é que se pode se contratar pacto com ele? (ROSA, 1994, p. 48).

² Essa ideia está presente em outras narrativas sobre o sertão brasileiro, entre elas o famoso “Auto da Compadecida” de Ariano Suassuna e “Os Sertões” de Euclides da Cunha. Essas três obras possuem várias características em comum e representam espaços em potencial para uma interpretação da cultura e da religião não-oficiais do Brasil.

Outro exemplo de como o personagem encara a presença do mal em sua narração se nota através da descrição que ele faz de um menino, Valtei, que sente prazer em matar e causar sofrimento aos outros:

Mire veja: se me digo, tem um sujeito Pedro Pindó, vizinho daqui mais seis léguas, homem de bem por tudo em tudo, ele e a mulher dele, sempre sidos bons, de bem. Eles têm um filho duns dez anos, chamado Valtei – nome moderno, é o que o povo daqui agora apreceia, o senhor sabe. Pois essezinho, essezim, desde que algum entendimento alumiou nele, feito mostrou o que é: pedido madrasto, azedo queimador, gostoso de ruim de dentro do fundo das espécies de sua natureza. Em qual que judia, ao devagar, de todo bicho ou criaçãozinha pequena que pega; uma vez, encontrou uma crioula benta bêbada dormindo, arranjou um caco de garrafa, lanhou em três pontos a popa da perna dela. O que esse menino babeja vendo, é sangrarem galinha ou esfaquear porco. – “Eu gosto de matar...” – uma ocasião ele pequenino me disse. Abriu em mim um susto; porque: passarinho que se debruça – o vôo já está pronto! (ROSA, 1994, p. 11).

Em certa altura da narrativa Riobaldo se questiona: “[...] o demo então era eu mesmo?”. (Rosa, 1994, p. 674). Dessa forma, defende-se que um mesmo elemento religioso coloca-se para além de uma interpretação ortodoxa, absorvendo as várias visões que perpassam o universo de sentido do personagem naquela realidade de vida transreligiosa, assumindo diferentes significados que identificam o ser e o agir dele a partir da cultura sertaneja.

A narrativa do livro insinua também que diante de inseguranças, temores e dificuldades enraizadas na alma humana e em suas urgências de superação, o ser humano tende a buscar conforto na religião. Sendo assim, seria justamente na hora do sofrimento e das angústias que o ser humano, no caso representado pelo jagunço Riobaldo, buscaria entender o sentido da própria vida e da sua existência. Dessa forma, defende-se que o que caracteriza a experiência humana na obra em questão é a constante movimentação do mesmo nos limiares da própria existência e da interpretação da realidade divina. Ou seja, no espaço intersticial, em que significantes e significados produziram novos sentidos e identidades. Esse entre-lugar configura-se como um espaço fértil de criação e recriação de identidades culturais (RIBEIRO, 2020, p. 36).

Para se compreender, portanto, como essa interrogação própria do romance surge para Riobaldo no miolo mesmo do sertão, é preciso

refazer sua travessia individual em busca do esclarecimento. Perseguir a pergunta pelo sentido de sua existência tortuosa; sentido que ele mesmo persegue em tempos diversos — unidade desgarrada entre a consciência e o ser; identidade espatifada no tempo, que é um modo da imperfeição: **Tempo é a vida da morte: imperfeição** (JR,1994, p.20).

Portanto, defende-se que o personagem principal Riobaldo é um ser inacabado e indefinível, representando as nuances de um humano em processo de busca de seu próprio sentido, ou seja, que não possui um escopo definido, mas que transmuta entre variadas visões do universo religioso e variadas correlações identitárias. Em um determinado momento da narrativa sobre sua vida, ele esclarece ao seu interlocutor misterioso nos seguintes termos: “[...] o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou” (ROSA, 1994, p. 24 e 25).

A natureza é outro aspecto da narrativa que conecta o personagem narrador ao mundo místico. Essa ligação se iniciaria pela memorização poética da vasta paisagem do sertão. Davi Arrigucci Jr. defende que ele não é apenas um cenário para o desenrolar da trama dos jagunços, mas que considerando seu prelúdio no título e no texto, a palavra vai se rodeando de significados plurivalentes e indeterminados incorporando uma poderosa simbologia intrincada ao restante da narrativa. (JR,1994, p.22) O espaço se mescla aos sentimentos e questionamentos ontológicos do narrador-personagem, incorporando ao longo do livro diferentes significados, ou como diria o próprio Riobaldo: “Jagunço é o sertão” (ROSA, 1994, p. 439).

Conforme complementa Meira, a natureza do sertão se revelaria de forma hierofânica, caracterizada pelo entrelaçamento entre o personagem e os demais elementos da natureza: A presença dos pássaros, dos campos e do buriti denota uma ideia de simbiose entre o humano e o sobrenatural. Já o rio, outro aspecto muito presente na narrativa, representaria a travessia ou segundo ela, a ideia de eternidade da efemeridade que marca a narração de Riobaldo sobre a sua vida. (MEIRA, 2012, p. 15) Conforme referido anteriormente, essa característica estaria representada nas diferentes nuances das ideias de certo e errado, bem e mal, amor e ódio, vida e morte

etc. “O sagrado, portanto, se manifesta na fronteira; como foi dito, na travessia” (MEIRA, 2012, p. 07).

A presença da palavra “veredas” no título não seria um acaso linguístico, mas uma alusão ao linguajar regional do sertão que significa a existência de um caminho ou atalho. De acordo com Jr, na topografia sertaneja, esses relevos de terras baixas e alagadiças em que os buritis florescem são o trajeto natural do rio em meio às chapadas. Para ele, a ideia de que o grande sertão se abre para as veredas reforça a metáfora de um labirinto fluvial, do entrelaçamento das águas e dos caminhos, representando os espaços não retilíneos da experiência transcendental do personagem (JR, 1994, p.23).

Por um lado, as fronteiras entre o sujeito, a comunidade, a natureza e as presenças metafísicas no sertão são fluidas, e, no fundo, não é claro quem ou o que se revela na voz narrativa do remetente. Por outro lado, não é possível uma posição de observador puramente exotópica, já que o diálogo entre sertão e intelectual tanto descentra a perspectiva deste último, que as fronteiras entre falante e ouvinte também são desestabilizadas (MELO & THIES, 2020, p. 36).

O romance é contado *in medias res* como um modo de ratificar uma ideia que marca o modo de ser e o caminho percorrido pelo personagem ao longo de toda a sua trajetória de vida e como ele a narra. Por meio do relato, o leitor percebe que o protagonista realiza uma viagem por um universo simbólico religioso reconstruindo para si uma imagem de Deus e de outras categorias do sagrado. Para Fernandes, Riobaldo justifica sua narração através da criação de uma identidade divina que proporciona um encontro com a sua identidade pessoal (FERNANDES, 2013, p. 130).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo de uma abordagem da religião na discussão proposta pelos estudos decoloniais, sugere-se que a interpretação teológica precisa estar aberta para dialogar além de seus recintos dogmáticos reconhecendo na obra de Guimarães Rosa uma interface para a aplicação do método da correlação de Tillich e o Princípio Pluralista em suas várias facetas. Através do romance é possível ao mesmo tempo dar voz ao sujeito Riobaldo e aos espaços costumeiramente considerados marginais, representados pelo sertão e seus habitantes. Ao mesmo tempo, torna-se possível

realizar a leitura conceitual de categorias de interpretação do pluralismo religioso, marcadamente os conceitos de Polidoxia e Transreligiosidade. Notadamente, Riobaldo, o personagem central da obra, vivencia na fronteira os dilemas da materialidade, “a oposição entre o “já” e o “ainda-não”, entre o “ser” e ameaça do “não-ser”, ou seja, os questionamentos de sua existência” (MEIRA, 2012, p. 08).

Destaca-se também uma narrativa lírica ao contextualizar o leitor num novo mundo: o microcosmo sertanejo do jagunço Riobaldo, considerando os enlaces entre a religião e a cultura local materializados nas influências de um modo de ser que invoca uma religiosidade permanente. Através dos conceitos de Polidoxia e Transreligiosidade tornou-se possível analisar essa realidade, sem cristalizar as experiências em categorias tradicionais de interpretação da experiência religiosa. A hermenêutica ortodoxa não explica a originalidade presente nesses espaços de vivência religiosa extra-oficiais que a leitura de mundo do jagunço Riobaldo representa: “As proposições conceituais dos estudos culturais decoloniais visam realçar a decolonialidade do poder, do saber e do ser.” (RIBEIRO, p. 222, 2020) Dessa forma, Riobaldo apresenta ao leitor um mundo próprio que só tem sentido a partir de uma leitura da realidade mística que ele mesmo representa.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, João Bosco. *Grande Sertão Veredas: Elementos do Cristianismo*, na ambiguidade de um discurso. Tese de doutorado apresentada ao PPCIR da Universidade Federal de Juiz de Fora. JF, 2013.

JR, Davi Arrigucci. O mundo misturado: Romance e experiência em Guimarães Rosa. *Novos Estudos*, CEBRAP, N.º 40, novembro 1994. pp. 7-29.

MEIRA, Danjone Regina. O sagrado em Grande Sertão: Veredas: uma leitura teológica da obra de Guimarães Rosa. *Contemplação*. n.º 5 de 2012. Disponível em: <http://fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/article/view/33/33>. Acesso em: 20 de dezembro de 2020.

MELO, Suzana Vasconcelos de et al (ORG.) *Explorando os entremeios: cultura e comunicação na literatura de João Guimarães Rosa*. 1ª Edição, São Paulo, editora Hucitec, 2020.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira; ARAGÃO, Gilbraz; PANASIEWICZ, Roberlei (ORG.). *Dicionário do Pluralismo Religioso*. Editora Recriar, São Paulo, 2020.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. Religião, Decolonialidade e o Princípio Pluralista. *Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião*, Juiz de Fora, v. 23, n.1, jan./jun. 2020, p. 21-40.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira; TOSTES, Angelica. Polidoxia, entrelugares e fronteiras da cultura e pluralismo religioso. *Reflexão*, 45. e204892, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.24220/2447-6803v45e2020a4892>. Acesso em: 20 de dezembro de 2020.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. O debate sobre o princípio Pluralista: Um balanço das reflexões sobre o princípio pluralista e suas aplicações. In: *Cadernos de Teologia Pública*. Ano XVII, nº 145, vol. 17, Unisinos, São Leopoldo, 2014.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 1ª Edição, Editora Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994.

TILLICH, Paul. *Teologia da cultura*. Trad. Jaci Correia Maraschin. São Paulo: Fonte editorial, 2009.